



New Trends in
Qualitative
Research



VOLUME 21 | Nº 1

DOI:

<https://doi.org/10.36367/ntqr.21.1.2025.e1148>

Imara Moreira Freire

Maria Cecília de Souza Minayo

Data de submissão: Março, 2024

Data de avaliação: Novembro, 2024

Data de publicação: Janeiro, 2025

DANÇA CIRCULAR: PESQUISA INTERVENÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE CUIDADO EM SAÚDE PARA JOVENS VIVENDO COM HIV

RESUMO

Investigou-se o uso da dança circular como estratégia para acessar a narrativa de jovens que convivem com o HIV por transmissão vertical e, assim, compreender suas percepções sobre a própria situação. A hipótese do trabalho foi que essa prática poderia auxiliar esses jovens a lidarem com questões decorrentes do diagnóstico e fortalecer seu bem-estar, favorecer sua autonomia e valorizar seus saberes e experiências. A dança circular é uma prática integrativa expressiva corporal inspirada em culturas de várias partes do mundo, assim como o folclore e as danças contemporâneas são formas de manifestação lúdica e artística. No Brasil, essa atividade faz parte das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) adotadas pelo Ministério da Saúde, pois oferece um espaço de expressão emocional e criativa que valoriza o cuidado. Metodologicamente utilizou-se a pesquisa-intervenção que consistiu em oito oficinas com uma hora de duração cada, estruturadas em atividades de harmonização, execução de danças e rodas de conversa. Do estudo participaram oito adolescentes de 12 a 17 anos, atendidos num ambulatório especializado de um hospital público do Rio de Janeiro. As oficinas de dança e as conversas realizadas antes e após os movimentos foram gravadas e analisadas segundo as relevâncias dadas pelos jovens. O estudo priorizou os seguintes conceitos-chave: autocuidado, valorização das diferenças e autonomia. A proposta desses conceitos foi construída a partir da interação da pesquisadora com os participantes. O estudo revelou que as oficinas facilitaram a expressão de sentimentos e emoções e propiciaram um ambiente de apoio mútuo. A partir desta pesquisa, ainda que não se possa generalizar, entende-se que a dança circular tem um potencial para complementar práticas de saúde importantes como é o caso do tratamento de jovens com HIV de transmissão vertical.

Palavras-Chave

Dança Circular; Práticas Integrativas e Complementares PICS; Saúde de Adolescentes; HIV/Aids.

CIRCULAR DANCE: HEALTH CARE STRATEGY FOR YOUNG PEOPLE LIVING WITH HIV

Abstract

The use of circular dance was investigated as a strategy to access the narrative of young people who live with HIV through vertical transmission and, thus, understand their perceptions about their own situation. The hypothesis of the work was that this practice could help these young people to deal with issues arising from the diagnosis and strengthen their well-being, promote their autonomy and value their knowledge and experiences. Circular dance is an integrative body expressive practice inspired by cultures from various parts of the world, just as folklore and contemporary dances are forms of ludic and artistic expression. In Brazil, this activity is part of the Integrative and Complementary Health Practices (IHP/PICS) adopted by the Ministry of Health, as it offers a space for emotional and creative expression that values care. Methodologically, intervention research was used, which consisted of eight workshops lasting one hour each, structured into harmonization activities, dance performance and conversation circles. The study included eight adolescents aged from 12 to 17, attended in a specialized outpatient clinic in a state-controlled hospital in Rio de Janeiro. The dance workshops and conversations held before and after the movements were recorded and analyzed according to the relevance given by the young people. The study prioritized the following key concepts: self-care, valuing differences and autonomy. The proposal for these concepts was constructed based on the researcher's interaction with the participants. The study revealed that the workshops facilitated the expression of feelings and emotions and provided an environment of mutual support. From this research, although it cannot be generalized, it is understood that circular dancing has the potential to complement relevant health practices, such as the treatment of young people with vertically transmitted HIV.

Keywords

Circular Dance; Integrative and Complementary Health Practices (MTCI); Adolescent Health; HIV/Aids.

1. Introdução

A dança circular é uma das 29 Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) oficializadas pelo Ministério da Saúde do Brasil. Definida como uma prática coletiva que envolve movimentos coreografados em grupo, geralmente realizados em roda, esse tipo de dança tem origem em tradições folclóricas. Considerada uma prática milenar que remonta a diversas culturas ao redor do mundo, ressignificada pelo bailarino Bernhard Wosien na década de 1970, a dança circular foi inicialmente popularizada na comunidade de Findhorn, no norte da Escócia e se expandiu internacionalmente. (Moya, 2021)

Atualmente, as rodas de dança circular apresentam uma grande variedade de coreografias acompanhadas por músicas, incorporando danças tracionais e folclóricas e danças contemporâneas. É vista como uma atividade que preserva a tradição cultural, promove o bem-estar físico, mental e emocional e busca promover a integração entre os participantes por meio de gestos ritmados e sincronizados. Tem como objetivo o exercício físico, o fortalecimento de vínculos sociais, a expressão criativa e o bem-estar emocional. Como uma prática inclusiva e acessível, a dança circular pode ser utilizada em diversos contextos, desde celebrações culturais até intervenções terapêuticas, proporcionando uma experiência de conexão e harmonia coletiva (Freire & Minayo, 2023).

Para Wosien (2000), a dança é a manifestação mais profunda da alma, onde o dançante é capaz de expressar sentimentos profundos e esclarecedores, abrangendo desde o temor até a entrega que proporciona liberdade. Segundo o autor, “o homem vivencia na dança a transfiguração de sua existência, uma metamorfose transcendente de seu interior, relativa ao ser e também à elevação ao seu eu divino” (Wosien, 2000, p. 27).

Do ponto de vista da saúde, a dança circular se destaca por promover cuidados sensíveis e centrados no paciente, valorizando processos de aprendizado contínuo com ênfase no seu bem-estar. Como as outras PICS, entende a fragilidade humana como parte intrínseca do viver, reforçando a importância de uma abordagem interdisciplinar nas formas de cuidado integral; valoriza a pluralidade disciplinar e a integração de conhecimentos provenientes de diferentes tradições culturais e medicinais, abordando a saúde de maneira integral.

No contexto do Sistema Único de Saúde - SUS, as PICS fortalecem a saúde coletiva ao oferecer abordagens mais humanizadas, complementares à medicina convencional, promovendo o bem-estar integral e criando ambientes de cuidado baseados na solidariedade, cooperação e inclusão. (Silva et al, 2021)

Diante de um cenário especialmente desafiador, tanto para os jovens vivendo com HIV e seus familiares quanto para os profissionais de saúde, o uso das PICS emerge como uma estratégia promissora. Essa abordagem promove a valorização do sujeito em sua singularidade e integralidade, contribui para a construção de um cuidado mais humanizado e consciente e fortalece a rede de apoio em torno da pessoa.

Os jovens que vivem com HIV por transmissão vertical enfrentam, em um momento crucial de suas vidas, desafios psicossociais significativos. Entre eles estão o estigma, o isolamento e as dificuldades para aceitar sua condição, o que se soma às definições e transformações importantes, características dessa fase da vida.

Nesse contexto, a dança circular costuma quebrar barreiras emocionais, facilitar a expressão de sentimentos e emoções de natureza inclusiva e coletiva, promover a cooperação e o apoio mútuo. Estudos no campo da saúde (Freire & Minayo, 2024; Fernandez & Beltrán, 2022; Koch et al., 2019; Salihi et al., 2021; Wachkowski et al., 2021) mostram que a repetição de movimentos em sincronia com os demais participantes facilita a integração social e contribui para a participação ativa e o compartilhamento de experiências entre os pares. O encontro favorece a criação de um ambiente que fortalece a troca intersubjetiva, em particular, sobre as formas diferenciadas de enfrentamento da realidade vivida, estimula a expressão de afetos e promove o equilíbrio físico e emocional.

Em um contexto de tratamento complementar, como o de jovens vivendo com HIV por transmissão vertical, a dança circular pode propiciar um espaço seguro e acolhedor para a expressão de emoções, ajudando a mitigar o estigma e o isolamento social. Ainda, pode ajudar na ressignificação da condição de viver com HIV, transformando a percepção da doença, de um fardo individual numa experiência compartilhada, coletiva e menos dolorosa. Um dos diferenciais da dança circular é seu caráter lúdico e recreativo que se coaduna, geralmente aos interesses dos jovens, proporcionando-lhes estratégias para enfrentar os desafios da vida com mais confiança e esperança. As PICS, no Brasil, fazem parte do que, na área de saúde se denomina o campo das “tecnologias leves” (Merhy, 2002).

Merhy (2002) enfatiza a importância da criação de vínculos e redes de apoio que vão além do modelo biomédico tradicional. A dança circular, como uma prática coletiva, apresenta-se como uma estratégia para promover esses vínculos, incentivando a cooperação, o senso de pertencimento e a solidariedade. Nesse sentido, o círculo formado pelos participantes não é apenas uma forma física, mas forte metáfora de uma rede de atenção que se estabelece entre os envolvidos. Nesse processo, o indivíduo não é visto como um paciente que recebe tratamento passivo, mas como um sujeito ativo na construção de seu próprio cuidado.

Assim, este estudo se propôs a investigar se a dança circular constitui uma estratégia de cuidado em saúde para jovens vivendo com HIV por transmissão vertical. Ou seja, se essa atividade tem o potencial de acessar a narrativa desses jovens e compreender suas percepções sobre conviver de forma saudável, com o vírus HIV.

2. Metodologia

2.1 Desenho do estudo

Trata-se de uma pesquisa-intervenção (Rocha e Aguiar, 2003) que se caracteriza por integrar a investigação científica com ações diretas no campo de estudo, buscando gerar reflexões e mudanças para as pessoas envolvidas na abordagem. A pesquisa-intervenção é eminentemente qualitativa por seu formato dialógico e participativo, e pelo papel ativo de quem conduz o processo de investigação, pois implica suas ações e decisões com a situação das pessoas e do contexto que estuda (Rocha & Aguiar, 2003).

Neste estudo, a pesquisa-intervenção foi desenvolvida no próprio cenário de atuação de uma das autoras como psicóloga. A proximidade com o campo permitiu uma compreensão mais aprofundada da situação dos jovens, da dinâmica institucional e das potencialidades de uma interação direta e significativa com os participantes. Esse duplo papel, de produzir conhecimento científico a partir de intervenções psicológicas numa instituição de saúde, exigiu uma interação e implicação no processo, o que se afasta da visão de neutralidade e incluiu intencionalidade.

Foram cumpridas as exigências da Resolução No 510, de 07 de abril de 2016, que regulamenta a Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais e a pesquisa foi avaliada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Institucional e aprovada sob o parecer 5.590.092.

2.2 Local e participantes

O estudo foi realizado no ambulatório especializado em doenças transmissíveis de um hospital público de nível terciário do município do Rio de Janeiro, referência para o tratamento de HIV em crianças e adolescentes. Participaram oito adolescentes de 12 a 17 anos que vivem com o vírus HIV por transmissão vertical. Este número representava a totalidade de jovens nessa faixa etária em tratamento no ambulatório analisado.

O grupo foi composto por três meninas, de 14 a 17 anos, e cinco meninos, de 12 a 17 anos. Entre os participantes, dois se autodeclararam pretos, um branco e quatro pardos. Quanto à escolaridade, quatro estavam matriculados no ensino médio e quatro no ensino fundamental. Apenas dois frequentavam escolas particulares, os demais estudavam em escolas públicas.

2.3 Estratégias para coleta de dados

Os dados foram coletados em oito oficinas de dança circular, realizadas de dezembro de 2022 a junho de 2023. Elas tiveram duração de uma hora e foram estruturadas em torno de atividades de harmonização, execução de doze danças e rodas de conversa. Cada oficina foi tematizada em torno dos seguintes conceitos-chave: autocuidado, valorização da diferença e autonomia. As temáticas surgiram a partir das sugestões dos adolescentes durante a realização das atividades.

Com base nesses conceitos, explorou-se o repertório para selecionar as danças mais adequadas à discussão dos temas.

Quadro 1: Repertório de Danças Circulares

Temática	Dança	Origem
Autocuidado	Seja Gentil	Brasil
	Dança das Palmas	Israel
	Enas Mythos	Grécia
Diferenças	Ser diferente é normal	Brasil
	Hear the Joy	Israel
	Epo I Tai Tai E	Nova Zelândia
Autonomia	Treinar Coragem	Brasil
	Meachori Há Har	Israel
	Tempo de Fulô	Brasil
	Gveret In Salim	Israel
	Shetland Wedding Dance	Escócia
	Meditação da Flor	Contemporânea

À medida que as atividades transcorriam, os adolescentes foram se tornando mais abertos para expor sua situação, foi como se fossem “desatando nós” e, coletivamente, iam obtendo uma compreensão mais aprofundada de suas próprias percepções e vivências sobre a rotina diária de conviver com o HIV por transmissão vertical.

Durante cada sessão, a pesquisadora apresentava coreografias e contextualizava brevemente a história de cada uma das danças: país de origem, contexto cultural em que ela se inseria, e se constituía uma manifestação tradicional ou contemporânea. Em seguida, os participantes eram convidados a executá-las.

Essa abordagem permitiu, além da prática da dança como atividade, um contato com outras culturas e uma compreensão da história e do significado por trás de cada movimento das diferentes manifestações artísticas nos países de onde se originaram. Cabe destacar que mais importante que o número de danças ou a variedade do repertório foi a disponibilidade para o encontro e o acolhimento que estava sendo manifestado por esses jovens. Assim, a atividade não se limitou a ensinar e a aprender passos, e sim a oferecer uma experiência de compartilhamento.

Ao final de cada oficina era promovida uma roda de conversa com duração de vinte minutos, na qual os participantes eram convidados a compartilhar suas experiências sobre o tema em pauta.

Uma pergunta disparadora era formulada, de maneira que não remetesse a respostas imediatas ou objetivas, ao contrário, estimulasse a fala espontânea sobre a vivência das danças e revelasse as inquietações que afetavam os participantes: "Como foi para você participar dessa atividade?".

Utilizada para incentivá-los a expressar seus sentimentos durante a oficina, essa indagação deixava um amplo espaço aberto para compartilhamento de reflexões e emoções. Os resultados das rodas de conversa realizadas ao final das oficinas foram gravados e transcritos e também compuseram um diário de campo, técnica de registro sistemático das experiências. Esse diário incluiu descrições das atividades ocorridas e considerações advindas do exercício de reflexão da pesquisadora. O material coletado durante a pesquisa está sob a guarda e responsabilidade da pesquisadora, sendo mantido de forma segura e confidencial.

A identidade dos participantes deste estudo foi preservada em conformidade com os princípios éticos de confidencialidade. Para garantir o anonimato, os jovens não foram identificados e lhes foi assegurado que nenhuma informação pessoal seria revelada.

2.4 Análise dos dados

A análise do material coletado durante as oficinas de dança circular foi realizada de acordo com os princípios da abordagem temática proposta por Minayo (2014) que, por sua vez, se orienta na fenomenologia sociológica de Schutz (1987). Portanto, todo o trabalho realizado destaca os sentidos mais relevantes que os jovens com HIV, participantes do estudo atribuem a suas vivências, dando ênfase em como compreendem sua situação, a descrevem e com ela convivem. O pressuposto desse diálogo é que o desenvolvimento das trajetórias pessoais, compartilhadas coletivamente, insere-se num contexto social mais amplo relativo a pessoas e grupos que vivenciam os mesmos problemas de saúde (Minayo, 2014; Minayo & Costa, 2020).

O processo analítico foi conduzido em duas etapas principais. A primeira etapa envolveu a descrição detalhada das informações coletadas, buscando garantir uma compreensão aprofundada dos dados. Na segunda etapa, o foco recaiu sobre a discussão e interpretação dos resultados, orientada pelo objetivo de identificar as temáticas relacionadas à vivência dos adolescentes com HIV. Esse método compreensivo permitiu uma análise aprofundada que destaca aspectos relevantes para a compreensão do fenômeno estudado.

3. Resultados e discussões

Duas evidências surgiram a partir das sessões de dança. A primeira, foram as expressões espontâneas dos jovens sobre emoções decorrentes da experiência. A segunda, foram as interações, compartilhamentos e trocas, o que destaca o papel facilitador da dança circular como estratégia de expressão emocional e social.

Durante as oficinas, a temática do autocuidado, valorização das diferenças e autonomia, estimularam reflexões significativas por parte dos participantes.

Os benefícios advindos dos exercícios permitiram aos jovens uma conexão mais profunda com seus corpos, com os companheiros e com o momento presente. Seus testemunhos mostraram que as danças circulares promovem o bem-estar emocional e físico e destacaram a importância dessas práticas como estratégia de cuidado complementar em saúde.

“No meu corpo eu senti animação”

Essa expressão dita por um adolescente resume o primeiro ponto: a dança movimentou seu corpo e seus sentimentos. Foi a primeira vez que esse e outros jovens do grupo tiveram contato com danças circulares. Quase todos destacaram que essa atividade afetou positivamente seu bem-estar, evocando sentimentos de alegria e elevando seu ânimo. Alguns relatos refletem a mudança do estado emocional de alguns: "Eu cheguei aqui cansado, lerdo, e estou saindo melhor" (J6). "Eu madruguei ontem, mas estou bem. Agora estou alegre. Eu saio dessa atividade renovado" (J1). "Eu achei que foi diferente, achei legal e olha que eu não sou assim, eu não acho nada legal" (J5).

A proposta da dança circular visa a proporcionar um trabalho corporal que abranja o bem-estar emocional, trazendo sensação de leveza e alívio das tensões. Destacam-se aqui algumas falas que foram recorrentes nesse sentido: "Eu gostei do desafio, achei divertido" (J6); "Eu me senti bem" (J2); "Foi bom, eu senti uma doideira, foi engraçado"(J7); "Senti uma alegria"(J4); "Eu me senti diferente, agitado, é uma sensação boa"(J1); "Eu me senti calmo"(J8); "Isso ajuda a aliviar o estresse"(J5).

Merhy (2002) defende que as ações em saúde, muitas vezes centradas em prescrições médicas, precisam considerar mais do que apenas os aspectos clínicos. Para ele, o cuidado envolve relações interpessoais e emoções, o que ele denomina "trabalho vivo em ato", destacando a relevância das "tecnologias leves". Essas tecnologias estão associadas à criação de vínculos, à escuta ativa e à construção de confiança entre paciente e profissional de saúde. A prática da dança circular se configura como uma tecnologia leve. Tal abordagem, complementar à medicalização, valoriza a singularidade e o contexto cultural dos indivíduos, promovendo a socialização e a expressão de sentimentos dos participantes.

O contato com as emoções e sensações vivenciadas durante a experiência revelou a possibilidade de os participantes ampliarem sua compreensão sobre si mesmos, fortalecendo práticas de autocuidado com as próprias necessidades emocionais e físicas, promovendo uma relação mais atenta e saudável consigo mesmo.

Durante as oficinas, a variedade de músicas de várias culturas possibilitou o contato com o diferente. "Eu aprendi sobre a cultura de outros países" (J4).

Os movimentos da roda, que mudavam a cada compasso, também estimulavam a capacidade de concentração: "Tive que ter coordenação motora e concentração para fazer a última dança" (J7). Como afirmado por Koch et al. (2019) os movimentos da dança contribuem para melhorar habilidades cognitivas, psicomotoras assim como o desempenho físico e o equilíbrio.

Os relatos dos participantes destacaram, entretanto, que a experiência é vivenciada de maneira singular por cada um. Foi mencionado por um jovem, “estranho participar dessa atividade, uma dança foi legal, a outra eu não gostei” (J8). Alguns momentos foram percebidos como estranhos, enquanto outros foram considerados agradáveis. Essa diferença entre gostar e não gostar, entre sentir-se confortável e desconfortável, reflete a natureza diversa da experiência humana: “Eu fiquei confuso porque parte de mim gostou e parte de mim não gostou” (J7). A partir de uma abordagem fenomenológica, Minayo (2012) recorre aos ensinamentos de Martin Heidegger (2005) para distinguir entre vivência e experiência. A experiência da dança foi de todos, pois ela se refere ao ato concreto realizado naquele momento. Já a vivência resultou da reflexão individual de cada jovem sobre a mesma experiência. Enquanto essa última foi coletiva, a vivência diante do mesmo evento foi única, moldada pela personalidade, pela história de vida pela situação contextual e, talvez, pela condição individual. Embora seja preciso dizer que a reflexão sobre a experiência é sempre influenciada pelos aspectos coletivos do ambiente em que a pessoa está inserida.

No caso dos jovens participantes das oficinas, os momentos de estranhamento podem ser compreendidos como experiências nas quais eles se depararam com algo novo, diferente, estranho e desafiador. Alguns ficaram nesse estágio inicial, o que é comum. Outros tiveram momentos de apreciação e conforto, de vivências mais elaboradas. No entanto, nas sessões finais das danças, a totalidade dos participantes deram depoimentos de que haviam transformado estranhamentos em aprendizado e crescimento, expandindo sua compreensão do mundo e de si mesmos.

“A gente não está sozinho nessa”

Essa fala de um dos jovens foi o reconhecimento do papel da dança circular como estratégia de compartilhamento e irmanação grupal. Um dos principais propósitos do uso dessa atividade não é substituir o tratamento médico, mas complementá-lo com uma dose de acolhimento, socialização e lazer, fomentando a integração e a identificação desse grupo, em geral, socialmente discriminado. À medida que os encontros se sucediam, a construção da integração se delineava de forma progressiva. O estímulo para dançar de mãos dadas incentivou a atenção mútua e promoveu um clima favorável para identificação dos limites entre o eu e o outro e o reconhecimento das singularidades.

Afinal, dançar de mãos dadas exigiu que os participantes estivessem atentos a seu próprio espaço e ao lugar do outro no círculo, observando o tempo e o ritmo dos demais integrantes, para que todos se desenvolvessem em sincronia e harmonia.

O contato físico inicial, embora tangível, transbordou para os diálogos, evidenciando uma rica troca de experiências e vivências comuns, assim como demonstrou as diferenças individuais. Ao explorarem diferentes estilos de dança, os participantes foram incentivados a usar sua criatividade e a reconhecer a singularidade de cada indivíduo. As coreografias estimularam reflexões sobre o respeito às diferenças, promovendo a aceitação de si mesmos e dos outros.

O contato com danças de diversas culturas possibilitou o reconhecimento das diferenças como fonte de riqueza e aprendizado coletivo.

O sentimento de pertencimento destacou-se como um elemento central dos resultados das atividades. A dança circular permite isso. Apesar das distinções individuais, todos se encontram em posição de igualdade no círculo, em relação uns aos outros. Ao colocar os participantes em uma roda, uma forma que simboliza a igualdade e a interconexão, a dança circular dissolve as hierarquias e cria um espaço de interação horizontal, no qual todos têm voz e participação. No círculo, todos os participantes são equidistantes, o que lhes permite olhar o todo sem perder a própria referência individual. Como afirma Lévi-Strauss (2008), a organização circular é uma expressão da estrutura social subjacente, em que cada indivíduo ocupa um lugar que contribui para o equilíbrio e a continuidade da coletividade.

A sensação de igualdade foi particularmente significativa para esse grupo de jovens, desafiado pelas percepções de diferença e exclusão na vivência com HIV. A expressão física da dança traduziu-se num elo simbólico de união e equidade e trouxe uma série de benefícios significativos para a saúde física, mental e emocional de todos e de cada um. Segundo Osorio (1992), no grupo, os jovens procuram ressonância para seus problemas e buscam estratégias para solução de seus conflitos. Na perspectiva winnicottiana (Svartman, 2021), o grupo proporciona (e proporcionou) proteção e segurança psíquica a seus membros, funcionando como um espaço transicional que representa um passo intermediário entre o mundo interno e externo, crucial para a construção da identidade individual. No caso dos jovens, o grupo funciona também como um espaço transicional entre o mundo infantil e a realidade da vida adulta. E quando a tudo isso se junta uma atividade prazerosa como a dança, melhor ainda.

Os próprios jovens testemunharam os benefícios dessa estratégia integrativa complementar: socialização, pertencimento, trocas que promoveram autoestima, ajudando-os a se sentirem aceitos e valorizados pelos colegas. Em uma das oficinas uma participante se sentiu confortável para dizer como se vê: “Eu sou muito linda” (J5). Já mais para o fim das sessões das rodas circulares, dois diálogos mostraram a evolução da comunicação que no início era quase monossilábica:

(J3): Eu não tomo o remédio sozinha, minha mãe ainda me dá.

(J7): Eu tomo minha medicação sozinho. Só aceito e começo a engolir o comprimido. É só jogar ele na boca e engolir com água. Para mim é fácil, a questão é lembrar o horário.

(J3): Escutar isso não está me ajudando muito, porque eu não consigo tomar o remédio com água e minha mãe cobra muito.

(J7): Não tem discussão sobre medicação lá em casa ou eu tomo ou eu tomo, minha mãe é brava.

(J3): Minha mãe também é tão brava, ai ai ai! e eu sei que se eu não tomar o remédio eu vou direto para cova. Eu ainda não consigo, mas eu vou conseguir.

(J1): E você toma todos os seus remédios juntos ou você toma separado? Só uma curiosidade.

(J4): Tudo junto. Os do Dr (psiquiatra) de manhã e os do HIV de tarde.

(J1): Igual a mim. Eu ainda tomo sem água. Quais são os seus? Risperidona? Ácido Valproico? Fluoxetina?

(J4): Antes era Ácido Valproico agora acho que é Risperidona, eu só não sei direito o nome dos remédios do HIV.

(J1): Biovir, Lamivudina. Eu só tomo dois.

(J4): Eu também só tomo dois. Foi bom saber que temos coisas em comum.

Esse diálogo mostra o retorno da sociabilidade gratificante das rodas de conversa para a realidade do convívio com o vírus e a responsabilidade de neutralizá-lo. Fica evidente o desenvolvimento da comunicação, da cooperação, da escuta e do apoio mútuo. Em grupo, os adolescentes tiveram a oportunidade de olhar de frente para seu problema de saúde, de observar e compreender as dificuldades uns dos outros e aprenderam que não estão sós. O grupo permitiu-lhes, também, compartilhar preocupações, angústias e alegrias, num espaço seguro para a expressão de emoções e de suporte mútuo. Em acréscimo, observou-se um aprendizado pessoal que lhes permitiu desenvolver sociabilidade, interesses comuns e olhar para o futuro. Nas falas de dois jovens: “Criatividade é o que eu mais tenho na hora de bolar histórias, eu crio histórias” (J7). “Andar de skate me deixa entusiasmado” (J8). “Eu já passei por alguns momentos na minha vida que eu não queria passar, mas eu tenho que ter um motivo para viver e é isso que me deixa vivo” (J7).

Em resumo, a roda de dança circular proporcionou, aos jovens mencionados neste estudo, um espaço para a expressão criativa, que, segundo o conceito de criatividade de Winnicott (1975), é fundamental para o desenvolvimento saudável do indivíduo. Para o autor, a criatividade não se limita à produção artística, mas é uma forma de estar no mundo, de encontrar novas maneiras de viver e de se relacionar consigo mesmo e com os outros. Ao criar histórias ou ao expressar entusiasmo em atividades como andar de skate, os participantes manifestaram sua capacidade de ressignificar as experiências dolorosas de convivência com o HIV e de buscar prazer e sentido para suas vidas.

Assim, fica claro que a prática da dança circular, ao favorecer manifestações criativas, contribui para fortalecer a autonomia, compreendida não como independência absoluta, mas como a capacidade de agir, reconhecendo suas possibilidades e valorizando as relações interdependentes. Ao enfrentarem juntos os desafios relacionados ao HIV, os adolescentes foram encorajados a refletir sobre suas escolhas e responsabilidades, fortalecendo sua capacidade de tomada de decisão e de planejamento pessoal. Assim, vivências coletivas e aprendizados adquiridos contribuíram como uma base para a construção de aspirações individuais no momento da experiência com projeção para o futuro.

As habilidades desenvolvidas nas oficinas são básicas para a vida em sociedade e para o sucesso das relações interpessoais ao longo da vida. Portanto, vão além do enfrentamento do HIV. Diante dos benefícios citados pelos participantes das danças, considera-se importante incentivar e promover a participação dos adolescentes nessa atividade ou em outros dispositivos que ajudem no desenvolvimento e promoção da saúde. Mas cabe aqui, valorizar também o papel das oficinas de dança circular no tratamento biomédico. Elas contribuíram para melhorar a relação dos jovens com a médica que os atendia, com outros profissionais e com seus pais ou responsáveis no que tange ao entendimento da convivência com o HIV nessa etapa de suas vidas. O atendimento mais integral e humanizado possível é uma das metas do SUS na construção do bem-estar dos brasileiros.

4. Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi investigar se a dança circular poderia ser utilizada como uma estratégia para auxiliar jovens vivendo com HIV por transmissão vertical a enfrentar sua situação, de forma consciente e propositiva. Para isso, a estratégia foi convidá-los a se reunirem para essa atividade e, a partir dela, discutir com eles e entre eles suas experiências e projetos de vida, de forma complementar e integrada ao tratamento biomédico.

Pode-se dizer que o resultado foi muito promissor. O uso da atividade como um dispositivo grupal ofereceu aos jovens um espaço lúdico em que a compreensão da rotina de tratamento foi ao mesmo tempo quebrada e integrada com momentos de socialização.

As oficinas de dança circular com os adolescentes revelaram que proporcionar um espaço lúdico para a expressão de sentimentos e emoções através dos movimentos corporais contribui para que eles possam falar de suas vidas e interesses, o que também colabora para o desenvolvimento da resiliência no enfrentamento do HIV. A narrativa de suas histórias de vida e o compartilhamento de experiências que entremearam as danças promoveram um sentimento de pertencimento e coesão grupal.

Desta forma, considera-se positiva a resposta à indagação inicial: as oficinas de dança circular contribuem para ampliar e aprofundar um espaço de comunicação e de troca de experiência, e com isso integrar pessoas e identificá-las entre si, em corpo e mente, consciente e inconscientemente.

A dança circular revela-se uma prática inovadora e efetiva de cuidado, capaz de abordar as necessidades sociais que os problemas de saúde trazem para os indivíduos. Ao valorizar o acolhimento, a escuta e o vínculo, essa prática contribui para uma visão integral que vai além do tratamento biomédico por complementar o cuidado em saúde, particularmente em contextos de vulnerabilidade, como é o caso da vivência com o vírus HIV.

Este estudo também oferece importantes contributos para a pesquisa qualitativa.

Demonstra o valor de abordagens participativas e centradas nos sujeitos, em que as pessoas ouvidas em ambiente lúdico e criativo fazem emergir suas vozes, o que é fundamental para a compreensão de sua situação. No caso concreto em estudo, a dança circular como intervenção grupal revelou-se uma estratégia sócio-metodológica rica para o acesso a narrativas pessoais, emocionais e dinâmicas relacionais que inferem o impacto dos problemas de saúde na vida social.

Outro contributo relevante é o foco na triangulação de várias técnicas que uniu a observação direta das oficinas, os relatos dos participantes e a interpretação reflexiva do pesquisador, fortalecendo a credibilidade das conclusões.

Por fim, a pesquisa sublinha como as abordagens qualitativas – em particular na modalidade de pesquisa-intervenção - podem ser integradas de forma interdisciplinar, envolvendo aspectos culturais diversos, ampliando a compreensão das experiências humanas e contribuindo para práticas de cuidado mais inclusivas e inovadoras.

5. Referências

- Fernandez, A. R., & Beltrán, R. E. (2022) “Wherever I Go, I Have It Inside of Me”: Indigenous Cultural Dance Narratives as Substance Abuse and HIV Prevention in an Urban Danza Mexica Community. *Frontiers in Public Health*, 9, 1-16.
- Freire, I. M., & Minayo, M. C. S. (2023). A dança circular como estratégia de cuidado em saúde: uma revisão narrativa da literatura. *Physis*, 33, e33059.
- Freire, I. M., & Minayo, M. C. S. (2024). Trajetórias de adolescentes que vivem com o vírus HIV por transmissão vertical. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(8), e05172024.
- Heidegger, M. (2005). *Ser e Tempo*. Vozes.
- Koch, S. C., Riege, R. F., Tisborn, K., Biondo, J., Martin, L., & Beelmann, A. (2019). Effects of Dance Movement Therapy and Dance on Health-Related Psychological Outcomes. *A Meta-Analysis Updat. Frontiers in Psychology*, 10, 1806.
- Lévi-Strauss, C. (2008). *Antropologia estrutural*. Cosac Naify.
- Merhy, E. E. (2002). *Saúde: A cartografia do trabalho vivo*. (3.ed.). Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência e saúde coletiva*, 17(3), 621-626.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento*. Hucitec.
- Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2020). *Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: Pesquisa qualitativa em ação*. Ludomedia.
- Moya, L. F. (2021). *Danças circulares sagradas: a sobrevivência das danças circulares a partir da imagem do corpo-dançante e o trabalho de Bernhard e Maria Gabriela Wosien*. Appris.
- Osório, L. C. (1992). *Adolescente hoje*. Artes Médicas.
- Rocha, M. L., & Aguiar, K. F. (2003). Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 23(4), 64-73.

Salihu, D., Wong, E. M. L., & Kwan, R. Y. C. (2021) Effects of an African Circle Dance Programme on Internally Displaced Persons with Depressive Symptoms: A Quasi-Experimental Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(2) 843- 850.

Schutz, A. (1987). *Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. Zahar.

Silva, G. K. F. da, Sousa, I. M. C. de, Cabral, M. E. G. da S., Bezerra, A. F. B., & Guimarães, M. B. L. (2021). Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares: trajetória e desafios em 30 anos do SUS. *Saúde Sociedade*, 30(1), 204-218.

Svartman, B. (2021) Winnicott: estimulador da criatividade – o grupo como fenômeno transicional. In: Santeiro, T. V., Fernandes, B. S., & Fernandes, W. J. (Orgs.). *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: teoria, prática e pesquisa*. Clínica Psicológica, 261-280.

Wachekowski, G., Lucca, J. C. P., Bittencourt, V. L. L., Cargnin, M. B., & Fontana, R. T. (2021) Dança circular: ampliando possibilidades no cuidado em saúde. *Revista de APS*, 23(4).

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Imago.

Wosien, B. (2000). *Dança: um caminho para a totalidade*. Triom.

Imara Moreira Freire

Fundação Oswaldo Cruz- FIOCRUZ, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-9805-7974>

✉ imoreirafreire@gmail.com

Maria Cecília de Souza Minayo

Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0001-6187-9301>

✉ maminayo@terra.com.br